

In memoriam da nossa querida Isadora Romano
Pacífico, cuja alegria de saber e de pesquisar nos
acompanha, inspira e ilumina em nossas formas de
resistência.

Apresentação

Número Temático

Resistências pelo poético e pelo político: discursos na contemporaneidade brasileira

A Análise do Discurso de linha francesa, durante seus primeiros anos de surgimento na França, desenvolveu-se a partir de uma história política de engajamento forte e revolucionário; havia, com isso, a necessidade de incluir as questões acerca da injunção da história na linguística, assim como a sua relação com a ideologia. As condições de produção e circulação das palavras passam a inscrever um modo de pensar as relações de poder e a luta de vozes que todo dizer instala. O jogo de forças entre o que está legitimado como evidente e o que resiste a tal regularidade materializa movimentos de resistência, tema do nosso dossiê.

A resistência a certas imposições e a luta por igualdade tem se tornado grandes objetos de reflexão de muitos linguistas e analistas de discursos, observamos a potência dos sentidos gerados em diferentes movimentos sociais, por exemplo, que produzem deslocamentos e escancaram outros modos de (re)dizer a nossa história, pelos espaços interditados que foram cavados nos processos de dominação política, econômica e cultural. Eis o primado da teoria: “não há dominação sem resistência”, de modo que “é preciso ousar se revoltar” (PÊCHEUX, 2014, p. 281).

Assim, imbricados em diferentes materiais e perspectivas teóricas, os textos que ora apresentamos neste dossiê monográfico refletem o atual estado da arte de estudos discursivos em nosso país, destacando, sobretudo, formas de resistência que emergem tanto no campo político, quanto no poético; resistir é da ordem da ruptura e do deslocamento que se materializa no interior da língua, como forma de equívoco e

contradição, da história, marcada pela luta de classes, e do sujeito, por meio do inconsciente (LEANDRO-FERREIRA, 2015). A resistência, diante disso, é constitutiva do processo discursivo, é a possibilidade de (des)dizer o já-dito rompendo com imaginários pré-estabelecidos que promovem uma separação entre ideologias dominantes e dominadas, não há um “ritual sem falhas”, como diz Pêcheux (2014, p. 277), pois o sujeito não controla o seu dizer, há, portanto, uma memória discursiva que sustenta os sentidos possíveis que irrompem como formas de resistência e dispersão a esse controle imaginado.

Em tempos de grandes efervescências sociais, a resistência se tornou uma palavra bastante cara, um movimento que ratifica a preservação de nossos direitos já garantidos pela Constituição. O Brasil se vê numa grave crise sanitária, política e ética comprovada pela inabilidade de um (des)Governo que a todo custo tenta sufocar nossa democracia e minimizar mortes – causadas pela Covid-19 – disseminando mentiras mascaradas de “verdades”, fazendo circular de diferentes modos efeitos de obscurantismo, violência e preconceito. A nós, cientistas da linguagem, resta-nos continuar a atravessar a opacidade dos ditos e a fornecer cientificamente caminhos de observação e interpretação dos discursos, marcando em nossa voz diferentes maneiras de resistirmos ao autoritarismo e ao fascismo; eis nosso próprio manifesto. Boa leitura!

Referências

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Resistir, resistir, resistir...primado prático discursivo! In: FERRARI, A. S. Et al. (Orgs.). Discurso, resistência e...Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2015, p. 159-167.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, p. 269-281.

Organizadores:

Prof. Dr. Marco Antonio Almeida Ruiz (USP –FFCLRP)

Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa (USP –FFCLRP)